

SINTOMAS DE DISTÚRBIOS PSÍQUICOS MENORES EM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

SYMPTOMS OF MINOR PSYCHIATRIC DISORDERS IN UNDERGRADUATE NURSING STUDENTS

SÍNTOMAS DE TRASTORNOS PSÍQUICOS MENORES EN ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA

Renan Rosa dos Santos¹
Patricia Bitencourt Toscani Greco²
Francine Cassol Prestes³
Raquel Soares Kirchhof⁴
Tânia Solange Bosi de Souza Magnago⁵
Matheus Antochewis de Oliveira⁶

Objetivo: descrever a frequência e os sintomas para suspeição de Distúrbios Psíquicos Menores (DPM) em estudantes de Enfermagem. **Método:** estudo transversal descritivo, com 149 estudantes de enfermagem de uma Universidade Comunitária do Sul do Brasil. A coleta dos dados foi realizada em 2015, mediante instrumento autopreenchível, contendo variáveis sociodemográficas, laborais, de hábitos e saúde e o *Self-Reporting Questionnaire-20*. **Resultados:** a frequência de DPM nos estudantes foi de 67,8%. As questões com maior frequência de respostas afirmativas foram: sentir-se nervoso, tenso ou preocupado (81,9%); ter dores de cabeça frequentemente (68,5%); dormir mal (58,4%); cansar-se com facilidade (61,7%); e ter dificuldade de pensar com clareza (51%). **Conclusões:** houve a predominância de sintomas de Humor depressivo-ansioso e Somáticos, o que sugere a possibilidade do comprometimento da saúde mental dos estudantes.

Descritores: Enfermagem; Estudantes de Enfermagem; Saúde Mental; Transtornos Mentais.

Objective: to describe the frequency and symptoms for detecting minor psychiatric disorders (MPD) in undergraduate nursing students. Method: a descriptive cross-sectional study was conducted with 149 undergraduate nursing students from a community university in the south of Brazil. Data were collected in 2015, by means of a self-administered instrument, containing sociodemographic, work-, habit- and health-related variables and the Self-Reporting Questionnaire-20. Results: the frequency of MPD in the undergraduates was 67.8%. The questions that were most frequently answered affirmatively were: feeling nervous, tense or worried (81.9%); frequently having headaches (68.5%); having poor sleep (58.4%); easily getting tired (61.7%); and having difficulty thinking clearly (51%). Conclusions: there was a predominance of somatic and depressive-anxious mood symptoms, which suggests the possibility that the undergraduates' mental health was compromised.

Descriptors: Nursing; Nursing Students; Mental Health; Mental Disorders.

¹ Enfermeiro. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde e Enfermagem. Santiago, Rio Grande do Sul, Brasil. renanrosa.stgo@outlook.com

² Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Enfermagem. Enfermeira. Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus Santiago. Santiago, Rio Grande do Sul, Brasil. pbtoscani@hotmail.com

³ Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Enfermagem. Enfermeira da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. francinecassol@gmail.com

⁴ Mestre em Enfermagem. Enfermeira. Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus Santiago. Santiago, Rio Grande do Sul, Brasil. rakel_kirch@hotmail.com

⁵ Doutora em Enfermagem. Mestre em Enfermagem. Enfermeira. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. tmagnago@terra.com.br

⁶ Enfermeiro. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde e Enfermagem. Santiago, Rio Grande do Sul, Brasil. mat.antoch.oliv@hotmail.com

Objetivo: describir la frecuencia y los síntomas para sospechar de Trastornos Psíquicos Menores (TPM) en estudiantes de Enfermería. Método: estudio transversal, descriptivo, con 149 estudiantes de enfermería de una Universidad Comunitaria del Sur de Brasil. Datos recolectados durante 2015, mediante instrumento autoaplicable, incluyendo variables sociodemográficas, laborales, de hábitos y salud y el Self-Reporting Questionnaire-20. Resultados: la frecuencia de TPM en los estudiantes fue del 67,8%. Las cuestiones que presentaron mayoría de respuestas afirmativas fueron: sentirse nervioso, tenso o preocupado (81,9%); sufrir dolor de cabeza con frecuencia (68,5%); mala calidad de sueño (58,4%); cansarse con facilidad (61,7%); y tener dificultades para pensar con claridad (51%). Conclusiones: existió predominio de síntomas de Humor depresivo-ansioso y Somáticos, lo que sugiere la posibilidad del compromiso de la salud mental de los estudiantes.

Descriptor: Enfermería; Estudiantes de Enfermería; Salud Mental; Trastornos Mentales.

Introdução

Devido à expansão do modelo capitalista no mundo contemporâneo e à busca incessante pela produtividade, os mercados de trabalho têm passado por transformações decorrentes da globalização e das inovações tecnológicas⁽¹⁾. Desse modo, a inserção dos indivíduos em um mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo requer profissionais qualificados, pois os avanços tecnológicos e científicos exigem rendimento e cumprimento de tarefas em tempo predeterminado, o que pode tornar ambiente ocupacional sobrecarregado e estressante⁽²⁾.

Nesse sentido, os estudantes de enfermagem podem ser submetidos a exigências semelhantes às impostas aos trabalhadores de outras áreas, visto que o processo formativo de estudantes da área da saúde insere-os no ambiente de trabalho profissional. Durante a formação, eles assumem responsabilidades semelhantes às dos demais trabalhadores, além de muitos deles serem também profissionais de saúde de nível médio, que buscam qualificação e crescimento profissional. Assim, esses indivíduos, além de trabalhadores são também estudantes e dedicam ao estudo o tempo destinado ao descanso e ao lazer, o que pode atuar como um fator agravante do adoecimento.

A enfermagem, por sua própria natureza, possui características singulares e aspectos específicos. No exercício dessa atividade, os profissionais presenciam diariamente, no seu cotidiano de trabalho, situações críticas vivenciadas pela sociedade. Esses profissionais prestam assistência em setores considerados desgastantes,

tanto pela carga de trabalho como pelas especificidades das tarefas, em que as atividades assistenciais são agrupadas e hierarquizadas por complexidade e geralmente são desenvolvidas sob alta pressão. Existe uma grande demanda de trabalho e as ações devem ser desenvolvidas de forma rápida e objetiva, o que, muitas vezes, gera um ambiente de trabalho com regras rígidas e ações padronizadas que favorecem o adoecimento do trabalhador⁽³⁾.

Na área da saúde, o campo da enfermagem é apontado como um dos mais afetados por doenças ocupacionais. Dentre essas, quando se fala em saúde mental, os Distúrbios Psíquicos Menores (DPM) têm adquirido relevância e constituem-se em uma das principais morbidades que atingem os trabalhadores de diferentes áreas⁽⁴⁾. Os DPMs caracterizam-se por gerar nos indivíduos quadros clínicos com sintomas de ansiedade, fadiga, insônia, irritabilidade, depressão, desordem psicossomática, redução do nível de concentração e de capacidade funcional⁽⁵⁾.

Segundo a Previdência Social, dentre as concessões de auxílio-doença relacionadas ao trabalho, as que tiveram como causas os transtornos mentais e comportamentais cresceram 19,6% entre 2010 e 2011. Neste último ano, os afastamentos mais prevalentes foram ocasionados por episódios depressivos, transtornos de ansiedade, reações ao estresse grave e transtornos de adaptação⁽⁶⁾. Por mais que, nos últimos anos, tenha ocorrido um significativo avanço no campo da saúde mental relacionada às atividades ocupacionais, ainda existem obstáculos para a definição

de condutas que embasem a assistência quanto à investigação e ao acompanhamento terapêutico de trabalhadores e estudantes que apresentam sofrimento e adoecimento psíquico.

Considerando os agravos à saúde que podem estar relacionados à atividade acadêmica e laboral dos estudantes, surge a seguinte inquietação: Qual a frequência e os sintomas de DPM, em estudantes de Enfermagem de uma Universidade Comunitária do Sul do Brasil?

O estudo foi realizado com o objetivo de descrever a frequência e os sintomas para suspeição de Distúrbios Psíquicos Menores em estudantes de Enfermagem.

Método

Este estudo insere-se em um projeto matricial denominado “Estresse, Distúrbios Psíquicos Menores e Dor Musculoesquelética em Estudantes de Enfermagem de uma Universidade Comunitária do Sul do Brasil”.

Trata-se de um estudo transversal descritivo, desenvolvido com estudantes do curso de graduação em Enfermagem de uma Universidade Comunitária do interior do Rio Grande do Sul. A população do estudo foi constituída de discentes regularmente matriculados no curso de graduação em Enfermagem da referida universidade, totalizando 163 estudantes.

Foram incluídos os discentes maiores de 18 anos e que se encontravam em atividade acadêmica no mínimo 30 dias antes da data de coleta, atendendo ao critério utilizado pelo *Self-Reporting Questionnaire-20* (SRQ-20). Excluíram-se os discentes em período de afastamento (licenças, atestados, exercício domiciliar) ou que tinham retornado à atividade acadêmica há menos de 30 dias. Também foram excluídos aqueles que atuaram como pesquisadores no estudo. Desse modo, foram excluídos um estudante menor de 18 anos, três estudantes em períodos de atestado ou licença, três estudantes que atuaram como pesquisadores no estudo e também uma estudante que se desligou do curso e quatro não encontrados no período da coleta de dados. Dois estudantes recusaram-se a participar. Os

participantes da pesquisa totalizaram, portanto, 149 estudantes.

A coleta de dados foi realizada no período de setembro a outubro de 2015. Foi utilizado um Questionário autopreenchível, aplicado por pesquisadores devidamente capacitados, durante o período de aulas, em um tempo médio de 45 minutos. O instrumento era composto de questões sobre aspectos sociodemográficos, perfil acadêmico, laboral, hábitos de vida e saúde e o *Self-Reporting Questionnaire 20* (SRQ-20), o qual foi traduzido e validado no Brasil⁽⁷⁾, sendo utilizado para avaliação de suspeição para distúrbios psíquicos menores.

O SRQ-20 contém 20 questões sobre sintomas e problemas que tenham ocorrido nos últimos 30 dias anteriores à resposta. Cada uma das alternativas tem os escores 0 e 1, em que o escore 1 indica que os sintomas estavam presentes, e 0, que estavam ausentes no último mês⁽⁸⁾. O ponto de corte adotado para suspeição de DPM foi de sete respostas positivas tanto para homens quanto para mulheres.

Estudo sobre a avaliação do desempenho das versões do *Self-Reporting Questionnaire* como instrumento de rastreamento psiquiátrico refere-se ao ponto de corte mais adequado para o SRQ-20 como de sete a oito respostas afirmativas, independente do sexo⁽⁹⁾. As questões foram agrupadas por grupo de sintomas, classificados em: Humor depressivo-ansioso, Sintomas somáticos, Decréscimo de energia vital e Pensamentos depressivos.

Para inserção dos dados foi utilizado o programa *Epi-info*®, versão 6.4, com dupla digitação independente. Após a verificação de erros e inconsistências, a análise dos dados foi realizada no programa *PASW Statistics*® (*Predictive Analytics Software*, da SPSS Inc., Chicago – USA) 18.0 for Windows. A avaliação da confiabilidade do SRQ-20 foi realizada por meio da estimativa da consistência interna, utilizando-se o coeficiente Alpha de Cronbach.

No que se refere aos aspectos éticos, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE):

46851315.2.0000.5353, em 9/7/2015. Ressalta-se que foram respeitados todos os preceitos éticos de acordo com a Resolução n. 466/2012⁽¹⁰⁾ do Conselho Nacional de Saúde.

Resultados

Os estudantes de enfermagem eram predominantemente do sexo feminino (87,2%), na faixa etária entre 18 e 25 anos (58%), e com idade média de 25,6 anos (mínima de 18 e máxima de 50 anos (DP \pm 6,2)). Maior percentual de estudantes (88,6%) referiu pertencer à raça branca, 73,2% eram solteiros e 74,6% não possuíam filhos. No que se refere à residência, maior percentual de estudantes morava com a família (81,9%) e 53,7% residia em outros municípios, deslocando-se diariamente até a universidade.

Segundo o perfil acadêmico, os estudantes encontravam-se distribuídos em cinco semestres letivos, sendo o 4º semestre o mais populoso. No que se refere à satisfação com o curso, 89,9%

afirmaram estar satisfeitos e 34,9% referiram participar de grupos de pesquisa.

Do total de estudantes, 64,4% não recebiam qualquer tipo de bolsa ou auxílio. Dos estudantes que possuíam auxílio, 53 eram beneficiários do Programa Universidade para Todos (PROUN), com bolsas de 100% e 50% (43,4%, e 3,8%, respectivamente). Com relação ao Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), 66,4% possuíam este financiamento para manter os estudos.

Quanto às atividades práticas, 69,8% dos estudantes afirmaram estar realizando aulas práticas ou estágios curriculares no período da coleta. Destes, 45% referiram que a carga horária semanal de aulas práticas e estágios na última semana havia sido de 11 a 20 horas, 29,4%, de até 10 horas e 25% realizaram mais de 20 horas de atividades práticas na semana anterior à coleta.

No que tange ao trabalho, 58,4% dos estudantes afirmaram desenvolver atividade profissional remunerada concomitante ao curso de graduação.

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes de enfermagem segundo as variáveis laborais. Santiago, Rio Grande do Sul, Brasil, 2015 (N=87) (continua)

Variáveis Laborais	N	%
Tempo em que exerce Atividade Profissional		
De 0 < 5 anos	47	54,0
De 5 < 10 anos	20	23,0
\geq 10 anos	20	23,0
Local de Trabalho		
Hospital	31	35,7
Secretaria Municipal de Saúde (SMS)	24	27,6
Comércio	7	8,0
Cuidador	3	3,4
Outros	22	25,3
Setor de Trabalho		
Enfermagem	39	44,8
Administrativo	6	6,9
Outros	42	48,3
Carga Horária Semanal		
20 horas	11	12,6
30 horas	19	21,8
36 horas	22	25,3
40 horas	25	28,8
Mais de 40 horas	10	11,5

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes de enfermagem segundo as variáveis laborais. Santiago, Rio Grande do Sul, Brasil, 2015 (N=87) (conclusão)

Variáveis Laborais	N	%
Regime de Trabalho		
Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)	44	50,6
Estatutário	13	14,9
Informal	9	10,3
Estágio Remunerado	21	24,2

Fonte: Elaboração própria.

No que se refere ao perfil laboral dos estudantes de enfermagem, conforme demonstra a Tabela 1, 54,0% exerciam atividade ocupacional por um período de 0 a 5 anos, 23,0%, de 5 a 10 anos e 23,0% há mais de 10 anos.

Do total de estudantes que exerciam atividade laboral no momento (n=87), 35,7% trabalhavam em hospitais e 27,6%, em Secretarias Municipais de Saúde. Do total de estudantes que realizavam atividade profissional, 8,0% encontravam-se empregados no comércio, 3,4% trabalham como Cuidadores e 25,3% desempenhavam atividades de outra natureza. Destes trabalhadores, 44,8% encontravam-se alocados no setor de enfermagem, 6,9%, em locais administrativos e 48,3% prestavam atividades em outros setores.

Quanto à carga horária semanal de trabalho, a maior parte dos estudantes que trabalhavam (28,8%), desempenhavam suas atividades por um período de 40 horas semanais; 12,6% e 21,8%

trabalhavam pelo período de 20 horas e 30 horas semanais, respectivamente. Além disso, 25,3% permaneciam no ambiente ocupacional por 36 horas semanais e 11,5%, por mais de 40 horas semanais. Em relação à carga horária de trabalho realizada na última semana anterior à coleta dos dados, 44,7% dos estudantes que exerciam atividade remunerada afirmaram ter cumprido uma carga horária de 31 a 40 horas na semana, 21,4%, de 21 a 30 horas, 17,5%, de até 20 horas e 15,4% haviam realizado mais de 40 horas de trabalho na última semana.

Segundo a modalidade de trabalho, observa-se que 50,6% dos estudantes que trabalhavam estavam contratados sob o regime de Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e 14,9% eram estatutários, já 24,2% desses realizavam estágios remunerados e 10,3% desempenhavam atividades informais.

Tabela 2 – Distribuição dos estudantes de enfermagem segundo as variáveis de hábitos de vida e saúde. Santiago, Rio Grande do Sul, Brasil, 2015 (N=149) (continua)

Variáveis Hábitos de Vida e Saúde	N	%
Tabagismo (N=148)		
Nunca fumou	122	81,9
Fumou, mas parou	18	12,5
Sim, fuma	8	5,6
Consumo Bebida Alcoólica (N=149)		
Às vezes	99	66,4
Não	27	18,2
Sim	23	15,4
Horas de Sono (N=149)*		
7 a 8 horas	70	47,0
4 a 6 horas	53	35,6
9 a 12 horas	26	17,4

Tabela 2 – Distribuição dos estudantes de enfermagem segundo as variáveis de hábitos de vida e saúde. Santiago, Rio Grande do Sul, Brasil, 2015 (N=149) (conclusão)

Variáveis Hábitos de Vida e Saúde	N	%
Atividade Física (N=149)		
Às vezes	80	53,7
Nunca	37	24,8
Sim	32	21,5
Tempo de Lazer (N=149)		
Às vezes	81	54,4
Sim	62	41,6
Nunca	6	4,0
Horas/dia no Computador** (N=148)		
0 a 3 horas	86	57,7
4 a 9 horas	55	36,9
10 a 15 horas	7	5,4
Uso de Medicação (N=149)		
Não	117	78,5
Sim	32	21,5
Se Sim / Indicar Medicação (N=32)		
Com prescrição médica	30	93,7
Por conta própria	2	6,3
Necessidade de Atendimento Médico no Último Ano (N=149)		
Sim	105	70,5
Não	44	29,5
Necessidade de Acompanhamento Psicológico no Último Ano (N=149)		
Não	124	83,2
Sim	25	16,8
Patologia Diagnosticada (N=149)		
Não	131	87,9
Sim	18	12,1

Fonte: Elaboração própria.

* – Média = 7,3 (\pm 1,6); Mínimo = 4; Máximo = 12.

** – Média = 3,4 (\pm 2,7); Mínimo = 0; Máximo = 15.

Quanto aos hábitos de saúde, a Tabela 2 permite observar-se maior percentual (81,9%) de estudantes que nunca fumaram e 66,4% que afirmaram consumir bebida alcoólica “às vezes”. No que tange ao período de sono diário, 47,0% dormiam de 7 a 8 horas por dia, com média de sono de 7,3 horas diárias (\pm 1,6), mínimo de 4 e máximo de 12 horas. Observou-se ainda que os estudantes realizavam atividades físicas e possuíam tempo para o lazer “às vezes” (53,7% e 54,4%, respectivamente).

No que diz respeito ao uso do computador, 57,7% utilizavam o computador de zero a três horas diárias, com média de uso de 3,4 horas (\pm 2,7), mínimo de zero e máximo de 15 horas.

Com relação às condições de saúde dos estudantes, 78,5% afirmaram não fazer uso de medicamentos. Dos 21,5% (n=32) que referiram o uso de medicamentos, 93,8% o faziam com prescrição médica. Quanto ao atendimento médico e psicológico, 70,5% dos estudantes afirmaram ter necessitado de atendimento médico no último

ano e 83,3% referiram não ter precisado de acompanhamento psicológico no mesmo período.

No que se refere à frequência de DPM, 68,7% dos estudantes responderam afirmativamente a sete ou mais questões do SRQ-20. A média de respostas afirmativas ao SRQ-20 foi de 6,98

($\pm 3,75$), com mínimo de zero e máximo de 16 respostas positivas. O coeficiente alpha de Cronbach foi de 0,784. Na Tabela 3 são apresentadas as frequências de respostas positivas ao SRQ20, de acordo com o grupo de sintomas.

Tabela 3 – Distribuição dos estudantes de enfermagem segundo o grupo de sintomas e respostas positivas ao *Self-Reporting Questionnaire-20*. Santiago, RS, Brasil, 2015 (N=149)

Grupo de Sintomas	Questões do SRQ-20	SIM	
		n	%
Humor Depressivo-Ansioso	Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)?	122	81,9
	Tem se sentido triste ultimamente?	72	48,3
	Tem chorado mais do que de costume?	54	36,2
	Assusta-se com facilidade?	53	35,6
Sintomas Somáticos	Tem dores de cabeça frequentemente?	102	68,5
	Dorme mal?	87	58,4
	Tem sensações desagradáveis no estômago?	71	47,7
	Tem má digestão?	58	38,9
	Tem tremores nas mãos?	33	22,1
	Tem falta de apetite?	23	15,4
Decréscimo de Energia Vital	Você se cansa com facilidade?	92	61,7
	Tem dificuldade de pensar com clareza?	76	51
	Sente-se cansado o tempo todo?	71	47,7
	Tem dificuldade em tomar decisões?	70	47
	Encontra dificuldade em realizar com satisfação suas atividades diárias?	67	45
	Tem dificuldade no serviço, no emprego? (seu trabalho é penoso, causa-lhe sofrimento?)	23	15,4
Pensamentos Depressivos	Tem perdido o interesse pelas coisas?	54	36,2
	É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?	19	12,8
	Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?	11	7,4
	Tem tido a ideia de acabar com a vida?	5	3,4

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 3 evidencia que as questões do SRQ-20 com maior proporção de respostas positivas foram: sente-se nervoso, tenso ou preocupado (81,9%), do grupo de sintomas Humor depressivo-ansioso; tem dores de cabeça frequentemente (68,5%), dorme mal (58,4%) e tem sensações desagradáveis no estômago (47,7%),

do grupo de Sintomas somáticos; cansa-se com facilidade (61,7%) e apresenta dificuldade de pensar com clareza (51,0%), do grupo Decréscimo de energia vital.

Percebe-se um elevado percentual de respostas afirmativas para o grupo de sintomas Pensamentos depressivos, em que a questão “tem

perdido o interesse pelas coisas” apresentou 36,2% de respostas positivas; “é incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida”, 12,8%; e “você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo”, 7,4%. Ainda neste grupo de sintomas, menciona-se o percentual de 3,4% de estudantes que responderam afirmativamente para a questão “Tem tido a ideia de acabar com vida?”.

Discussão

Neste estudo, os estudantes de enfermagem eram, em sua maioria, do sexo feminino (87,2%). Este resultado também foi encontrado em estudo multicêntrico que investigou o perfil sociodemográfico e acadêmico de discentes de enfermagem em três instituições de ensino públicas e em uma privada, em que o percentual de discentes do sexo feminino foi de 84,5%⁽¹¹⁾.

Segundo pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), a equipe de enfermagem brasileira é predominantemente feminina, sendo composta por 84,6% de mulheres. Contudo, o citado estudo afirma que, mesmo tratando-se de uma categoria predominantemente feminina, 15% desses profissionais são homens. Afirma ainda que a enfermagem pode estar apresentando uma tendência à masculinização, com o aumento gradual e contínuo do quantitativo de profissionais do sexo masculino na área⁽¹²⁾.

No que se refere à idade dos estudantes, identificou-se maior prevalência da faixa etária entre 18 e 25 anos (58%) e idade média de 25,58 anos, resultado que vai ao encontro de estudos com acadêmicos de enfermagem de universidades públicas do Sul do Brasil⁽¹³⁻¹⁴⁾. Este perfil jovem de estudantes pode estar relacionado às exigências impostas pelo mercado de trabalho baseado no modelo capitalista, que requer profissionais cada vez mais jovens e qualificados. Além disso, os programas governamentais de incentivo à educação profissional proporcionaram aos jovens a possibilidade de acesso ao ensino superior⁽¹¹⁾.

No que diz respeito à situação conjugal, houve predomínio de estudantes solteiros

(73,2%) e sem filhos (74,5%), corroborando resultado de pesquisa realizada com estudantes do último ano de graduação em enfermagem de uma universidade privada de Porto Alegre (RS), em que 71,4% eram solteiros e 69% não possuíam filhos⁽²⁾.

O perfil de estudantes jovens, solteiros e sem filhos pode ser justificado pelas modificações decorrentes do sistema capitalista e da consequente corrida ao mercado de trabalho, onde buscam primeiramente a estabilidade profissional e a independência financeira. Outro fator a ser considerado diz respeito às políticas públicas adotadas pelo país nas últimas décadas, que visam ao planejamento familiar e ao controle da natalidade⁽¹¹⁾.

Contudo, estudo multicêntrico que investigou o perfil sociodemográfico e acadêmico de discentes de enfermagem⁽¹¹⁾ identificou que, dos estudantes que possuíam filhos, a maioria encontrava-se nas instituições privadas, reforçando a ideia de que os estudantes de universidades particulares possuem características próprias, como o trabalho associado às atividades acadêmicas, o qual se torna possível devido à oferta de cursos noturnos, o que torna viável também o acesso para os indivíduos de maior idade, casados e com filhos.

Verificou-se que pouco mais da metade dos estudantes de enfermagem da instituição de pesquisa (53,7%) não residiam no município da universidade e 81,9% moravam com a família, evidenciando que os estudantes deslocavam-se diariamente até a universidade. Resultado semelhante foi encontrado em estudantes de enfermagem de Porto Alegre, em que 50% desses residiam com os pais e 31%, com companheiro(a)⁽²⁾.

Sugere-se que o deslocamento intermunicipal diário possa ter repercussões na qualidade de vida dos estudantes, atuando como um agente agravante ao estresse e à exaustão, visto que o tempo de deslocamento interfere na realização de suas atividades fora do meio acadêmico, como trabalho, atenção à família e convívio social.

Quanto ao perfil acadêmico, ao analisar a distribuição de estudantes por semestre do curso, observou-se o 4º semestre como o mais

populoso, concentrando 26,1% dos estudantes, seguido do 6º semestre, com 25,5%, do 10º semestre, com 18,2% e do 8º e 2º semestres, com 15,4% e 14,8%, respectivamente.

Percebe-se que o número de estudantes é menor nos últimos semestres do curso, o que se deve à evasão do curso, que se torna cada vez mais constante e pode estar relacionada a aspectos da vida dos estudantes, principalmente no que se refere à imaturidade, dificuldade de adaptação ao meio acadêmico e desestímulo com a profissão, fatores também relacionados ao perfil cada vez mais jovem dos universitários⁽¹⁵⁾.

Além disso, observa-se também um baixo percentual de acadêmicos no 2º semestre do curso, fato que provavelmente esteja relacionado à crise política e econômica vivenciada pelo país no último ano, o que resultou em cortes de verbas no sistema educacional e consequente diminuição de vagas em programas como o Programa Universidade para Todos (PROUNI) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies).

No que diz respeito ao recebimento de auxílio financeiro e bolsas de estudo, pesquisa e extensão, o estudo evidenciou que 64,4% dos estudantes não recebiam qualquer tipo de bolsa ou auxílio. Este resultado converge com o encontrado em estudo realizado com estudantes de enfermagem de quatro instituições brasileiras, em que 72,4% deles não recebiam auxílios ou bolsas⁽¹¹⁾.

Verificou-se que 65,1% dos estudantes não participavam de grupos de pesquisa, o que evidencia que a possibilidade de estudos avançados tem sido pouco procurada. Contudo, cabe destacar que os grupos de pesquisa vêm se expandindo e constituem-se em diferencial para o futuro profissional. Os grupos de pesquisa contribuem diretamente na formação acadêmica, mediante uma prática de enfermagem embasada cientificamente que incentiva a formação crítico-reflexiva, a busca de novos conhecimentos e o fortalecimento da identidade profissional⁽¹⁶⁾, em que é por meio do conhecimento e de evidências científicas que o profissional conquista a sua autonomia e qualifica o seu processo de trabalho.

Quanto à satisfação com o curso, 89,9% dos estudantes afirmaram estar satisfeitos, resultado que se assemelha ao encontrado em estudo desenvolvido com estudantes de enfermagem de uma universidade pública do Sul do Brasil, onde 91,1% dos estudantes estavam satisfeitos com o curso⁽¹⁷⁾. A satisfação com o curso relaciona-se diretamente com a motivação do estudante perante o seu desempenho acadêmico e torna-se um fator imprescindível para o futuro profissional desses estudantes.

No que se refere às atividades práticas, 69,8% dos estudantes afirmaram estar realizando aulas práticas ou estágios curriculares no período da coleta. Destes, 45,0% referiram que a carga horária semanal de aulas práticas e estágios na última semana havia sido de 11 a 20 horas. Este resultado é característico de cursos de enfermagem e da área da saúde, que incluem, na grade curricular, um considerável quantitativo de práticas curriculares, as quais são indispensáveis para a formação profissional.

Os estágios curriculares proporcionam aos acadêmicos a relação entre a teoria e a prática, além da vivência do cotidiano de trabalho na profissão escolhida. Contudo, a carga horária de estágios somada às atividades teóricas exigidas pelo curso e ao trabalho remunerado realizado por muitos, podem ser identificados como um fator estressante para os acadêmicos, o que pode levar à sobrecarga e ao desgaste físico-mental.

No que tange ao perfil laboral dos estudantes de enfermagem, 58,4% afirmaram estar desempenhando atividades profissionais remuneradas juntamente com o curso de graduação. Esse resultado é superior ao encontrado em pesquisa realizada com estudantes de enfermagem em uma universidade mexicana, em que 30% dos participantes exerciam atividade laboral remunerada além de estudar⁽¹⁸⁾.

Ao analisar a carga horária semanal de trabalho dos estudantes, 28,8% desempenhavam atividade laboral em regime de 40 horas semanais. Contudo 44,7% dentre eles afirmaram ter realizado uma carga horária de 31 a 40 horas na semana anterior à coleta, e este aumento pode estar relacionado ao fato de os estudantes

aumentarem a sua carga horária de trabalho em alguns períodos para cobrir pedidos de folga, os quais são solicitados para a realização de estágios e outras atividades práticas exigidas pelo curso.

Nesse contexto, devido ao aumento da carga horária de trabalho e ao cumprimento de atividades práticas, além das exigências teóricas, pressupõe-se que os estudantes de enfermagem podem encontrar dificuldades no gerenciamento de tempo. Torna-se dificultoso e maçante para eles conciliar as atividades exigidas pela grade curricular com as necessidades de cunho pessoal, social e, sobretudo, emocional⁽¹⁴⁾.

No que se refere ao local de trabalho, 35,7% trabalhavam em hospitais e 27,6%, em Secretarias Municipais de Saúde. Dos trabalhadores que se encontravam nos serviços de saúde, 44,8% estavam alocados no setor de enfermagem. Esse dado evidencia a preocupação desses indivíduos com o futuro profissional, em que a busca pela qualificação é o ponto-chave para o crescimento profissional.

O trabalho em saúde realizado por muitos acadêmicos pode interferir ora de forma positiva, ora de forma negativa no processo formativo dos estudantes, visto que, durante a realização das atividades práticas, o trabalho em saúde e enfermagem age como um facilitador no desempenho das atividades propostas. Contudo, devido às práticas curriculares muitas vezes serem desempenhadas no mesmo local de trabalho dos estudantes, o trabalho pode atuar como um fator estressante para eles, já que conhecem a realidade do ambiente e as fragilidades existentes, e assim vivenciam duplamente situações consideradas desgastantes.

Analisando o perfil de hábitos de vida e saúde dos estudantes, 81,9% indicaram a alternativa “nunca fumou”, o que pode estar relacionado ao curso pertencer à área da saúde, na qual estão conscientes quanto aos malefícios do tabaco, bem como vivenciam na prática os agravos causados pelo hábito. Quanto ao consumo de bebidas alcólicas, 66,4% referiram o consumo “às vezes”, resultado que pode ser associado ao perfil jovem dos estudantes. Resultados semelhantes

foram encontrados em estudo que investigou o consumo de drogas lícitas em estudantes de enfermagem de uma universidade privada de Bogotá, Colômbia, em que, da amostra composta por 237 estudantes, 24% fumavam e 82% consumiam algum tipo de bebida alcoólica⁽¹⁹⁾.

Os estudantes de enfermagem afirmaram que realizavam atividades físicas e possuíam tempo para o lazer “às vezes” (53,7% e 54,4%, respectivamente). Este resultado reforça os dados obtidos em estudo que determinou o perfil sociodemográfico e acadêmico de discentes de enfermagem de quatro universidades brasileiras, em que 75,6% dos estudantes não praticavam esportes e 60,5% realizavam atividades de lazer⁽¹¹⁾.

Esses resultados podem ser ocasionados pela falta de tempo, já que muitos estudantes associavam o trabalho à atividade acadêmica, além da carga horária de estágios exigida pelo curso, e a necessidade de convívio social. Ao mesmo tempo, o sedentarismo tem se intensificado cada vez mais, principalmente devido ao uso desmedido de equipamentos eletrônicos e tecnológicos, os quais podem acomodar os indivíduos e torná-los cada vez mais dependentes, especialmente quando se fala em jovens, o que torna a situação ainda mais agravante.

Quanto às horas diárias de sono, observa-se que 47% dos estudantes dormiam de 7 a 8 horas diárias, e média de 7,3 horas ($\pm 1,6$). Este resultado pode ser considerado contraditório, ao se considerar que 58,4% dos estudantes afirmaram dormir mal nos últimos 30 dias. Tal contradição pode estar relacionada ao fato de os estudantes possuírem o conhecimento, mesmo que empírico, de que este seria o tempo ideal de sono.

No que diz respeito à busca por atendimento médico e psicológico, 70,5% dos estudantes necessitaram de atendimento médico no último ano e 16,8% realizaram acompanhamento psicológico no mesmo período. O resultado demonstra que, mesmo com a falta de tempo, os estudantes preocupam-se com a manutenção de uma vida saudável. Salienta-se que, mesmo com um percentual menor, a procura pelo atendimento psicológico evidencia que a saúde mental não é esquecida, e que reconhecem que

podem sofrer desgaste mental e outros agravos de ordem psicológica.

A frequência de DPM nos estudantes de enfermagem foi de 67,8%, isto é, a cada 10 estudantes, seis apresentavam suspeição para transtorno mental. Este resultado foi superior ao encontrado em estudos em que a prevalência de DPM foi de 20,1% em enfermeiros docentes⁽⁴⁾ e 51,1% em estudantes de residência médica e multiprofissional⁽²⁰⁾.

Pesquisa com trabalhadores de enfermagem de um hospital de Porto Alegre encontrou prevalência de DPM de 20,6%⁽²¹⁾. Salienta-se que até o momento não foram identificados estudos de investigação de DPM em estudantes de enfermagem, contudo o resultado deste estudo é superior ao encontrado com populações que apresentam processos de trabalho semelhantes. Nessa direção, uma investigação com estudantes de enfermagem em Portugal evidenciou consumo elevado de psicofármacos e a presença de depressão e ansiedade. Assim, ratifica-se a vulnerabilidade da saúde mental em estudantes de enfermagem do ensino superior⁽²²⁾.

Ressalta-se que as profissões da área da saúde, sobretudo a enfermagem, enfrentam uma exigência emocional superior a outras profissões, devido à natureza da ocupação, que se apresenta em ambientes críticos e de ritmo acelerado, decorrente de recursos humanos insuficientes e déficit de materiais e equipamentos necessários, fazendo com que os profissionais desempenhem suas atividades sob pressão, devido à sobrecarga de atividades em determinado espaço de tempo⁽³⁾. Dessa forma, a enfermagem apresenta-se suscetível a doenças ocupacionais, sobretudo à sobrecarga psicológica e sofrimento mental dos indivíduos que se encontram imersos nesse ambiente de trabalho.

Nesse sentido, percebe-se que os estudantes de enfermagem, quando inseridos na prática, vivenciam situações semelhantes às dos profissionais, compartilhando das mesmas angústias e percepções frente ao ambiente de trabalho em saúde. Além disso, muitos estudantes são também profissionais de enfermagem que

buscam a qualificação profissional, fator que os torna ainda mais suscetíveis ao adoecimento.

No que se refere às perguntas do SRQ-20, a questão “sente-se nervoso, tenso ou preocupado”, do grupo de sintomas Humor depressivo-ansioso, as questões “tem dores de cabeça frequentemente” e “dorme mal”, do grupo de Sintomas somáticos, e a questão “cansa-se com facilidade”, do grupo Decréscimo de energia vital, foram as mais prevalentes. Resultado semelhante foi encontrado em outros estudos, com enfermeiros docentes de universidades públicas⁽⁴⁾ e trabalhadores de enfermagem de um hospital de Porto Alegre⁽²¹⁾.

No que se refere às questões destacadas acima, sobretudo quanto às afirmações de sentir-se nervoso, tenso ou preocupado, dormir mal ou sentir dores de cabeça frequentemente, estas podem estar relacionadas ao cotidiano do mundo contemporâneo. Percebe-se que o uso exacerbado da tecnologia tornou indispensável a realização das atividades do ser humano, e os indivíduos devem dar conta de uma vasta quantidade de informações. Assim, a corrida pelo alcance de metas e objetivos de vida em tempo determinado extrapolam os limites tolerados pelo corpo humano, e este, conseqüentemente, produz respostas negativas à saúde.

Quanto ao grupo de sintomas depressivos, obteve a menor prevalência de respostas positivas, resultado que corrobora o evidenciado em pesquisa realizada com trabalhadores de enfermagem de um hospital de Porto Alegre⁽²¹⁾. Entretanto, as questões “tem perdido o interesse pelas coisas” e “é incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida” obtiveram percentuais significativos, demonstrando que os estudantes de enfermagem poderiam apresentar sintomas depressivos relacionados ao contexto de vida, sobrecarga de atividades e exaustão físico-emocional.

Ainda nesse grupo de sintomas, torna-se importante considerar o percentual de 3,4% (n=5) de estudantes que responderam afirmativamente a questão do SRQ-20 “Tem tido a ideia de acabar com vida?”, a qual evidencia um risco iminente

para a tentativa de suicídio em um número considerável de estudantes.

Esse dado traz à tona o grau de sofrimento desses estudantes e, principalmente, a reflexão sobre a emergência de se pensar em estratégias para minimizá-lo. Para que se possam identificar sinais de possibilidades de tentativa de suicídio e promover a manutenção da vida dos estudantes, é necessário à instituição propor momentos de escuta sensível, em que eles possam expressar seus sentimentos, necessidades e desejos. Assim, além de minimizar o sofrimento, esse espaço pode proporcionar bem-estar e auxiliar na resolução de conflitos no ambiente acadêmico.

Nesse sentido, destaca-se o Serviço de Apoio Educacional (SAE), do qual a universidade dispõe para o atendimento da comunidade acadêmica por meio dos seguintes serviços: acompanhamento psicológico e psicopedagógico, assistência social e orientação vocacional. Este serviço encontra-se aberto a encaminhamentos ou ainda à demanda espontânea de acadêmicos que estejam enfrentando dificuldades no percurso acadêmico, seja no processo de formação, seja nos aspectos psicossociais.

No Brasil poucos estudos sobre suicídios relacionados à atividade ocupacional têm sido publicados, apesar de estarem presentes na sociedade⁽²³⁾. Este fato aponta para a necessidade urgente de medidas de promoção à saúde mental e qualidade de vida, além de medidas de prevenção que possam superar fatores estressantes e formas negativas de gestão do ensino, os quais são revelados como responsáveis por sintomas depressivos e pensamentos suicidas⁽²³⁾.

Conclusões

Os participantes deste estudo são em sua maioria jovens, do sexo feminino, solteiros e com inserção no mercado de trabalho. Identificou-se elevada frequência de DPM nos estudantes de enfermagem, com predomínio no grupo de sintomas Humor depressivo-ansioso e de Sintomas Somáticos, o que sugere a possibilidade do comprometimento da saúde mental deles.

Este estudo poderá suscitar a reflexão de estudantes, docentes e gestores da instituição sobre características da população estudada, bem como a suspeição para DPM. Os resultados encontrados poderão fornecer subsídios teóricos para a proposição de ações de prevenção e promoção à saúde no ambiente acadêmico, a fim de minimizar os níveis de ansiedade e possíveis repercussões na saúde mental dos estudantes.

Contudo, por se tratar de um estudo descritivo, não possibilitou a realização de associações ou relações entre as variáveis que podem inferir no resultado encontrado. Assim, novas investigações com outros modelos de análise são necessárias, para buscar compreender os fatores desencadeantes de DPM nos estudantes, bem como outros modos de investigação, como estudos longitudinais e de abordagem qualitativa.

Cabe ressaltar que não foram encontrados estudos de investigação de DPM em estudantes de enfermagem, o que se tornou uma limitação do estudo, ao impossibilitar comparações com os resultados encontrados. Entretanto, esta dificuldade foi superada pela comparação com dados encontrados em estudos com populações de características semelhantes, como trabalhadores de enfermagem e enfermeiros docentes.

Contribuições de cada autor na elaboração do manuscrito:

1. concepção e projeto ou análise e interpretação dos dados: Renan Rosa dos Santos, Patricia Bitencourt Toscani Greco e Matheus Antochewis de Oliveira;

2. redação do artigo ou revisão crítica relevante do conteúdo intelectual: Renan Rosa dos Santos, Patricia Bitencourt Toscani Greco, Francine Cassol Prestes, Raquel Soares Kirchof, Tânia Solange Bosi de Souza Magnago, Matheus Antochewis de Oliveira;

3. aprovação final da versão a ser publicada: Renan Rosa dos Santos, Patricia Bitencourt Toscani Greco, Francine Cassol Prestes, Raquel Soares Kirchof e Matheus Antochewis de Oliveira.

Referências

- Merlo ARC, Bottega CG, Perez KV, Bier AF, organizadores. Atenção ao sofrimento e ao adoecimento psíquico do trabalhador e da trabalhadora: cartilha para profissionais do Sistema Único de Saúde – SUS. Porto Alegre: Evangraf; 2014.
- Oliveira DR, Caregnato RCA, Câmara SG. Síndrome de *Burnout* em acadêmicos do último ano da graduação em enfermagem. *Acta paul enferm.* 2012;25(2):54-60.
- Prochnow A, Magnago TSBS, Urbanetto JS, Beck CLC, Lima SBS, Greco PBT. Capacidade para o trabalho na enfermagem: relação com demandas psicológicas e controle sobre o trabalho. *Rev latino-am enferm.* 2013;21(6):1298-305.
- Tavares JP, Magnago TSBS, Beck CLC, Silva RM, Prestes FC, Lautert L. Prevalência de distúrbios psíquicos menores em enfermeiros docentes. *Esc Anna Nery rev enf.* 2014;18(3):407-14.
- Tavares JP, Beck CLC, Magnago TSBS, Greco PBT, Prestes FC, Silva RM. Produção científica sobre os distúrbios psíquicos menores a partir do self-reporting questionnaire. *Rev enferm UFSM.* 2011;1(1):113-23.
- Merlo ARC. Sofrimento psíquico e atenção à saúde mental. In: Merlo ARC, Bottega CG, Perez KV, organizadores. Atenção à saúde mental do trabalhador: sofrimento e transtornos relacionados ao trabalho. Porto Alegre: Evangraf; 2014. p. 12-29.
- Mari JJ, Williams P. A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SQR-20) in primary care in the city of Sao Paulo. *Br J Psychol.* 1986;148:23-6.
- Who MP. A user's guide to the self-reporting questionnaire (SRQ): Division of Mental Health World Health Organization. Geneva; 1994.
- Gonçalves DM, Stein AT, Kapczinski F. Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview dor DSMIV-TR. *Cad Saúde Pública.* 2008;24(2):380-90.
- Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012: aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2013. [citado 2016 jan 12]. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
- Bublitz S, Guido LA, Kirchhof RS, Neves ET, Lopes LFD. Perfil sociodemográfico e acadêmico de discentes de enfermagem de quatro instituições brasileiras. *Rev Gaúcha Enferm.* 2015;36(1):77-83.
- Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública. Pesquisa do perfil da enfermagem no Brasil [Internet]. Fiocruz: Rio de Janeiro; 2015. [citado 2016 jan 12]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem_31258.html
- Hirsch CD, Barlem ELD, Almeida LK, Tomaschewski-Barlem JG, Figueira AB, Lunardi LL. Coping strategies of nursing students for dealing with university stress. *Rev bras enferm* [Internet]. 2015 Oct [cited 2016 July 22];68(5):783-90. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reben/v68n5/en_0034-7167-reben-68-05-0783.pdf
- Bublitz S, Freitas EO, Kirchhof RS, Lopes LFD, Guido LA. Estressores entre acadêmicos de enfermagem de uma Universidade pública. *Rev enferm UERJ.* 2012;20(2):739-45.
- Tomaschewski-Barlem JG, Lunardi VL, Bordignon SS, Barlem ELD, Lunardi Filho WD, Silveira RS, et al. Opção e evasão de um curso de graduação em enfermagem: percepção de estudantes evadidos. *Rev Gaúcha Enferm.* 2012;33(2):132-8.
- Costa R, Borenstein MS, Padilha MI. Grupo de estudos de história do conhecimento da enfermagem e saúde (GEHCES): produção de conhecimento na pós-graduação stricto sensu. *Texto Contexto Enferm.* 2013;22(1):71-8.
- Tomaschewski-Barlem JG, Lunardi VL, Lunardi GL, Barlem ELD, Silveira RS, Vidal DAS. Síndrome de Burnout entre estudantes de graduação em enfermagem de uma universidade pública. *Rev latino-am enferm.* 2014;22(6):934-41.
- Reza CG, Ferreira MA, Silva RC, Gandarilla JV, Solano GS, Martínez VG. Perfil de los estudiantes mexicanos en las clínicas de enfermería. *Esc Anna Nery* [Internet]. 2016 mar [citado 2016 jul 22];20(1):11-6. Disponible en: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n1/1414-8145-ean-20-01-0011.pdf>
- Lopez-Maldonado MC, Luis MAV, Gherardi-Donato ECS. Consumo de drogas lícitas en estudiantes de enfermería de una universidad privada en Bogotá, Colombia. *Rev latino-am enferm.* 2011;19(n. spe):707-13.
- Carvalho CN, Melo-Filho DA, Carvalho JAG, Amorim ACG. Prevalência e fatores associados aos transtornos mentais comuns em residentes

- médicos e da área multiprofissional. *J bras psiquiatr.* 2013;62(1):38-45.
21. Urbanetto JS, Magalhães MCC, Maciel VO, Sant'Anna VM, Gustavo AS, Poli-de-Figueiredo CE, et al. Estresse no trabalho segundo o modelo demanda-controle e distúrbios psíquicos menores em trabalhadores de enfermagem. *Rev esc enferm USP.* 2013;47(3):1186-93.
22. Sequeira CA, Carvalho JC, Borges EM, Sousa CN. Vulnerabilidade mental em estudantes de enfermagem no ensino superior: estudo exploratório. *J Nurs Health [Internet].* 2013 [citado 2016 jul 22];3(2):170-81. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/3551/3239>
23. Seligmann-Silva E. Trabalho e desgaste mental: O direito de ser dono de si mesmo. Rio de Janeiro: Cortez; 2011.

Artigo apresentado em: 15/3/2016

Aprovado em: 29/7/2016

Versão final apresentada em: 26/8/2016

Data de publicação: 14/9/2016